



## REDE DE APOIO PARA MULHERES QUE SOFREM DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Julia Schmitsler Sant'Ana, Maria Eduarda de Souza Novaes

Márcia Pereira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Guarulhos

### Resumo

A violência doméstica contra a mulher é uma grave violação dos direitos humanos é um problema persistente no Brasil. Embora existam canais de denúncia, muitos apresentam limitações de descrição, acessibilidade e integração. Este projeto propõe o desenvolvimento de um aplicativo camuflado como controle do ciclo menstrual, que, por meio de uma combinação de ações, permite acesso a um chat de emergência e informações sobre delegacias especializadas, apoio psicológico, abrigos e redes de proteção. Fundamentado na Lei Maria da Penha e em estudos sobre violência de gênero, o projeto busca utilizar a tecnologia como ferramenta de prevenção e proteção. Entrevistas realizadas com uma assistente social e uma psicóloga em Guarulhos reforçaram a necessidade de soluções tecnológicas discretas e acessíveis.

**Palavras-chave:** Violência doméstica, Violência contra a mulher, Tecnologia, Aplicativo de emergência, Feminicídio.

### 1. Introdução

A violência contra a mulher e o feminicídio configuram graves problemas sociais no Brasil e no mundo. O Brasil ocupa a quinta posição entre os países que mais matam mulheres (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2021), sendo que, na maioria dos casos, os agressores são companheiros, ex-companheiros ou familiares.

Além das agressões físicas, a violência doméstica compromete a saúde mental, emocional e social das vítimas, aumentando os riscos de depressão, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático e outros problemas de saúde. O isolamento social e a dependência econômica dificultam a busca por ajuda.

Atualmente, o Disque 180 oferece atendimento telefônico 24 horas (BRASIL, 2025). Também existem aplicativos como Direitos Humanos Brasil (BRASIL, 2025), Botão do Pânico (ESPÍRITO SANTO, 2025), SOS Mulher (SÃO PAULO, 2025) e



Mete a Colher (METE A COLHER, 2025). Entretanto, muitos desses recursos apresentam limitações relacionadas à descrição, acessibilidade ou abrangência

Plataformas independentes, como o projeto Mete a Colher, oferecem acolhimento emocional e orientação às vítimas. Porém, esse recurso ainda apresenta limitação relacionada à descrição, acessibilidade e integração entre serviços.

Nesse contexto, a tecnologia surge como uma aliada estratégica no enfrentamento da violência de gênero. Aplicativos como Calc Vault e Gallery Lock demonstram como interfaces aparentemente comuns podem funcionar como ferramentas discretas de segurança.

Inspirado nesses modelos, este projeto propõe o desenvolvimento de um aplicativo camuflado que parece ser apenas uma plataforma para registro do ciclo menstrual. Ao executar uma combinação de comandos, como por exemplo clicar 3 vezes seguidas na logo, a usuária terá acesso a um espaço com serviços psicológicos, redes de acolhimento e informações confiáveis.

O objetivo é criar um canal seguro, silencioso e acessível, capaz de auxiliar mulheres em situação de risco e contribuir para a prevenção da violência doméstica e do feminicídio.

## **2. Materiais e Métodos**

Inicialmente, foi adotado como metodologia a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. Esta primeira foi executada com o objetivo de se familiarizar com o tema e ter novas ideias para a escrita da pesquisa. Já para realizar a segunda, duas entrevistas de abordagem qualitativa foram incorporadas, a fim de compreender a experiência profissional e a percepção de uma assistente social e de uma psicóloga que atuam diretamente no atendimento a mulheres em situação de violência. Anteriormente, foi realizada uma entrevista piloto com um servidor público para selecionar as perguntas mais relevantes para entrevistas efetivas realizadas.

### **2.1 Pesquisa bibliográfica**

A pesquisa bibliográfica deste projeto teve como objetivo reunir e analisar artigos, relatórios e programas relacionados à violência doméstica contra a mulher, às redes de apoio existentes e ao uso de tecnologias digitais como ferramentas de enfrentamento. Esse levantamento foi fundamental para embasar a proposta de criação de um aplicativo que funcione como rede de apoio e canal seguro de informação e



orientação para mulheres em situação de violência.

A violência doméstica é considerada um grave problema de saúde pública, agravado durante a pandemia da COVID-19, período em que o isolamento social intensificou situações de risco e dificultou o acesso das vítimas à rede de proteção (SILVA, 2020). O aumento das denúncias nesse contexto reforçou a necessidade de estratégias inovadoras e acessíveis, como o teleatendimento e ferramentas digitais de suporte.

Além disso, o Relatório do Projeto Safira (2022) destaca que a falta de informação é uma das principais barreiras para que mulheres reconheçam situações de violência e procurem ajuda. O projeto propõe o uso de tecnologias digitais, como aplicativos e plataformas educativas, para ampliar o acesso à informação e fortalecer redes de apoio. Entre suas iniciativas, destaca-se um aplicativo com cursos em vídeo voltados à independência financeira das mulheres e conteúdos que auxiliam na identificação e no rompimento do ciclo da violência.

Outro projeto analisado foi o Abrigo Amigo, iniciativa realizada em parceria com a Eletromidia que oferece proteção às mulheres em pontos de ônibus. O programa transforma painéis publicitários em canais de comunicação com atendentes remotas, permitindo que mulheres relatem situações de risco enquanto aguardam o transporte público. Quando necessário, as ocorrências são encaminhadas imediatamente à polícia (ABRIGO AMIGO, 2023). Segundo a Secretaria de Comunicação Social do Estado de São Paulo (SECOM-SP), em setembro de 2025 o programa foi ampliado de 61 para 200 equipamentos, contabilizando cerca de 17 mil chamadas e 285 ocorrências registradas.

Também foi analisado o aplicativo Mete a Colher, que conecta mulheres vítimas de violência doméstica a voluntárias que oferecem apoio emocional, orientação jurídica, abrigo temporário e auxílio para inserção no mercado de trabalho. O aplicativo utiliza conversas criptografadas e direciona as mensagens conforme a necessidade da usuária. Lançado em 2017, o projeto já conectou aproximadamente 14 mil usuárias e auxiliou cerca de 4 mil mulheres (METE A COLHER, 2021).

Dessa forma, a pesquisa bibliográfica fundamentou a concepção do aplicativo proposto, evidenciando a importância de soluções tecnológicas que integrem informação confiável, apoio psicológico e jurídico, conexão com redes de atendimento e mecanismos discretos para pedidos de ajuda. A literatura demonstra que iniciativas desse tipo podem fortalecer a autonomia das mulheres e contribuir para o enfrentamento



da violência doméstica.

## **2.2 Entrevistas**

As pesquisadoras decidiram visitar a assistente social da UBS (Unidade Básica de Saúde) localizada no Jardim Flor da Montanha, e a coordenadora da Casa das Rosas, Margaridas e Beths, situada no bairro Macedo, ambos em Guarulhos - SP, com o objetivo de comprovar a importância e relevância do tema e entender o melhor jeito de promover um aplicativo informativo, acessível e discreto.

A pesquisa de campo adotou uma entrevista semi-estruturada de abordagem qualitativa, com a intenção de compreender a percepção de uma assistente social que atua nas UBSs do Flor da Montanha e Vila Barros, também integrante do NPV (núcleo de prevenção à violência). A entrevista foi semi-estruturada, permitindo entender as perguntas previamente feitas e explorar as aberturas para aprofundar o tema.

Inicialmente, foi apresentado o objetivo do trabalho e a proposta de intervenção. Em seguida, foram aplicadas as perguntas. A entrevistada respondeu livremente compartilhando casos do cotidiano profissional e percepções.

## **2.3 Análise de dados**

As respostas da entrevista com a assistente social e com a psicóloga foram estudadas por meio de uma análise temática, na qual as categorias de observação foram: tipos de violência, dependência em relação aos agressores, acolhimento nas instituições, rede de atendimento, sugestões para um bom aproveitamento do aplicativo e conscientização sobre o fenômeno. Já as indagações da entrevista piloto foram investigadas com o objetivo de entender o melhor a ser questionado nas entrevistas efetivas.

## **3. Resultados e Discussão**

A análise temática das entrevistas permitiu identificar seis categorias principais: tipos de violência, dependência em relação aos agressores, acolhimento nas instituições, rede de atendimento, sugestões para um bom aproveitamento do aplicativo e conscientização sobre o fenômeno.

Em relação aos tipos de violência, as entrevistadas destacaram que a violência doméstica geralmente ocorre de forma combinada, envolvendo violência psicológica, física, moral, patrimonial e sexual. A assistente social apontou a violência física, frequentemente acompanhada da psicológica, como a mais recorrente, enquanto a coordenadora da Casa das Rosas ressaltou a predominância da violência psicológica.



Ambas observaram que muitas mulheres naturalizam comportamentos abusivos e interpretam atitudes de controle como demonstrações de cuidado.

Quanto à dependência em relação aos agressores, as profissionais afirmaram que fatores emocionais e financeiros dificultam o rompimento do ciclo da violência. O medo da solidão, da instabilidade econômica e da desestruturação familiar leva muitas vítimas a permanecerem em relacionamentos abusivos, buscando ajuda apenas em situações extremas. Também destacaram que a dependência emocional pode atingir mulheres de diferentes idades, escolaridades e condições socioeconômicas.

Quanto ao acolhimento nas instituições, ambas enfatizaram a importância de um atendimento humanizado, baseado na escuta qualificada, orientação e fortalecimento emocional das mulheres. Destacaram que muitas vítimas chegam aos serviços sem reconhecer que vivenciam uma situação de violência, tornando o primeiro atendimento fundamental para esclarecer seus direitos e apresentar as possibilidades de proteção. A coordenadora da Casa das Rosas também ressaltou a necessidade de capacitação contínua dos profissionais para compreenderem o ciclo da violência e evitarem a revitimização e a culpabilização das mulheres durante o atendimento.

Sobre a rede de atendimento, as entrevistadas destacaram a importância da atuação integrada entre diferentes instituições, como Unidades Básicas de Saúde (UBS), Delegacias de Defesa da Mulher, Casa das Rosas, Margaridas e Beths, ASBRAD, CRAS, Defensoria Pública e Patrulha Maria da Penha. Entretanto, ambas apontaram dificuldades relacionadas à precarização dos serviços, como a falta de profissionais, demora nos atendimentos, insuficiência de recursos e centralização dos equipamentos de apoio, fatores que comprometem o acesso das vítimas aos serviços especializados.

Em relação às sugestões para um bom aproveitamento do aplicativo, as profissionais consideraram bastante relevante a proposta de um aplicativo camuflado, uma vez que muitas mulheres são monitoradas pelos agressores, inclusive por meio do celular. Entre as funcionalidades sugeridas destacam-se a disponibilização de informações sobre os diferentes tipos de violência, orientações jurídicas, psicológicas e sociais, acesso facilitado aos contatos da rede de atendimento, localização de serviços próximos e mecanismos discretos para solicitação de ajuda em situações de emergência. Além disso, ambas enfatizaram que o aplicativo deve ser simples, objetivo, preservar o sigilo das usuárias e possibilitar encaminhamentos rápidos para a rede de proteção.

Por fim, no tema da conscientização sobre o fenômeno, as entrevistas



evidenciaram que a falta de informação e a naturalização da violência contribuem para que muitas mulheres permaneçam em relações abusivas. As profissionais defenderam a realização de ações educativas e campanhas de conscientização, especialmente em escolas, para discutir igualdade de gênero, desconstruir padrões machistas e ensinar a identificação precoce de sinais de relacionamentos abusivos. Nesse contexto, concluíram que um aplicativo com caráter informativo também pode desempenhar um papel importante na prevenção da violência, auxiliando as mulheres a reconhecerem comportamentos abusivos e a conhecerem os serviços de apoio disponíveis antes que a situação se agrave.

Diante disso, as autoras concluíram que seria de grande proveito o desenvolvimento de um aplicativo camuflado que disponibilizasse informações sobre a violência doméstica, contatos de serviços próximos, orientações jurídicas e psicológicas e recursos para identificação de sinais de relacionamentos abusivos.

#### **4. Considerações Finais**

Espera-se que este projeto contribua com estudos para explorar as estratégias que melhor auxiliem no rompimento do ciclo de violência.

Como metodologia futura, as pesquisas bibliográficas e de campo continuarão sendo adotadas para que se obtenham mais informações para o desenvolvimento do aplicativo. Outras instituições serão visitadas pelas autoras, como ASBRAD (Associação Brasileira de Defesa da Mulher da Infância e da Juventude), onde serão feitas entrevistas com profissionais que possam auxiliar na idealização do projeto.

Pretende-se aplicar um teste de viabilidade do software por meio de questionários. Estes serão direcionados para meninas, mulheres e profissionais que têm contato direto com vítimas para que manifestem suas opiniões sobre as funcionalidades e o quanto estas são consideradas viáveis. É planejado uma volta às instituições já visitadas depois da elaboração de um possível protótipo.

Confia-se que os resultados obtidos conduzam à criação de um aplicativo de intervenção. A expectativa é que, ao atingir essa meta, seja possível divulgar o aplicativo e as informações relevantes em meios seguros de comunicação sobre relacionamentos agressivos, na tentativa de contribuir para a evacuação da vítima no relacionamento.



## 5. Referências

BRASIL. Lei Maria da Penha, Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm). Acesso em: 29 de novembro de 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Violence against women: prevalence estimates. Geneva: WHO, 2021. Disponível em: <https://www.who.int>. Acesso em: 17 nov. 2025.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Brasil tem a quinta maior taxa de feminicídio no mundo. TV Câmara, 14 mar. 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/tv/553531-brasil-tem-a-quinta-maior-taxa-de-feminicidio-no-mundo/>. Acesso em: 20 nov. 2025.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh>. Acesso em: 20 nov. 2025.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Aplicativo Direitos Humanos Brasil (DH Mobile). Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/apps/dh-mobile>. Acesso em: 20 nov. 2025.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Estado de Segurança Pública. Aplicativo Botão do Pânico. Disponível em: <https://www.sesp.es.gov.br>. Acesso em: 20 nov. 2025.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Segurança Pública. Aplicativo SOS Mulher. Disponível em: <https://www.ssp.sp.gov.br/sosmulher>. Acesso em: 20 nov. 2025.

METE A COLHER. Projeto Mete a Colher: apoio às mulheres. Disponível em: <https://www.meteacolher.org>. Acesso em: 27 nov. 2025.

INDICATEBEE. Calculator Vault – Gallery Lock. Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.calculator.vault>. Acesso em: 27 nov. 2025.

MORNING STAR LLC. Gallery Lock (Hide Pictures). Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.morrison.gallerylocklite>. Acesso em: 27 nov. 2025.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 ago. 2006.

DINIZ, Carmen Simone Grilo; MEDEIROS, Marcelo. Violência de gênero e saúde: contribuições para o debate no campo da saúde pública. Ciência & Saúde Coletiva, v.



15, n. 1, p. 15-24, 2010.

LEMOS, Maria Cecília. Violência psicológica contra a mulher: impactos e desafios para o enfrentamento. *Revista Estudos Feministas*, v. 27, n. 3, p. 1-18, 2019.

PASINATO, Wânia. Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas para estudo e pesquisa. *Cadernos Pagu*, n. 45, p. 367–391, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Gênero, patriarcado e violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOARES, Bárbara. Violência moral e reputação feminina: impactos da difamação nas dinâmicas de violência doméstica. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, v. 29, n. 173, p. 205–230, 2021.

Abrigo Amigo. Disponível em: <[https://www.spportodas.sp.gov.br/sp-por-todas/seguranca\\_mulher/abrigo\\_amigo](https://www.spportodas.sp.gov.br/sp-por-todas/seguranca_mulher/abrigo_amigo)>. Acesso em: 30 nov. 2025.

São Paulo amplia Programa Abrigo Amigo e chega a 200 pontos de ônibus equipados com tecnologia de acolhimento e segurança. Disponível em: <<https://prefeitura.sp.gov.br/w/s%C3%A3o-paulo-amplia-programa-abrigo-amigo-e-chega-a-200-pontos-de-%C3%B4nibus-equipados-com-tecnologia-de-acolhimento-e-seguran%C3%A7a>>. Acesso em: 1 dez. 2025.

App Mete a Colher - Financiamento coletivo. Disponível em: <<https://youtu.be/lZNhV8i3Bi4?si=KRx26D3ZGvxH6aLf>>.

SILVA, Nádia Cristina de Campos et al. Enfermeiro e tecnologia: proposta de teleatendimento a mulheres vítimas de violência doméstica. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 6, n. 12, p. 97507–97526, dez. 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n12-298.

ANDRADE, Gilmara Pinheiro de; BEZERRA, Sérgio de Souza. Violência doméstica contra mulheres em Roraima e o uso de tecnologias como mecanismo de enfrentamento. *Revista Educação e Humanidades*, v. 1, n. 2, p. 362–385, jul./dez. 2020.

MUNHOZ, Gabriela Araújo et al. Projeto Safira: grupo de desenvolvimento de softwares que auxiliem no combate às violências contra as mulheres. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus Guarulhos, 2022. *Anais da Exposição Anual de Tecnologia, Educação, Cultura, Ciências e Arte*, v. 2, 2022.